



LENDAS DO SERTÃO.

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

O PÃO DE OURO.

I.

A MÃE DO OURO.



ntes de encetar a narração dos acontecimentos, que constituem o principal assumpto d'esta historia, cumpre-nos rememorar uma lenda, ou antes uma avença mythica dos primitivos e selvaticos habitantes da terra americana, a qual sem duvida é desconhecida da maior parte dos leitores.

Esta lenda, provavelmente ampliada e embellecida pela imaginação dos colonos portuguezes, é a historia da Mãe do Ouro que passo a contar a meus leitores.

Era nos topos alterosos de uma das mais altas montanhas da America meridional.

Esses topos, por cima dos quaes desdobravam-se risonhas planicies de verdor eterno e entrecortadas de correjos cristalinos, eram separados do resto da terra por despenhadeiros vertiginosos, que o pé humano em vão tentaria galgar, e eram sómente accessiveis ao corvo e ao condor altivo-lante.

E do meio d'essas planicies erguia-se outra montanha coroada de enormes rochedos erguidos á prumo, como um castello guarnecido de torreões denegridos e derrocados pelo tempo, ou como aereo e colossal terrasso, ornado de estatuas disformas, mutiladas e despedaçadas pelos raios.

Era como um jardim encantado superior á habitação dos homens e visinho á dos anjos, todo intermeado de grutas profundas e mysteriosas, de penedias de figuras caprichosas e phantasticas, formando lapas, areadas, terrassos, ruinas, de veigas deliciosas alcatifadas de musgo e flores, de fontes de agua viva a borbulhar, de vergeis harmoniosos a conversarem mysterios com as auras do céo.

Ahi n'essas alturas inaccessiveis em uma gruta mysteriosa morava uma fada formosissima, filha do Sol ou de Tupá, e irmã da Aurora. Era chamada a Mãe do Ouro.

Em quanto sua irmã espargia de seu regaço flores ethereas sobre o berço do sol, e perolas de orvalho, que refrigeram e fertilizam os campos, ella matizava os horisontes de franjas de ouro, e sacudindo pela terra o pó doirado de seus cabellos fecundava pelas grutas dos montes os veios de immensas jazidas auríferas, e enastrava de rubins e diamantes o leito dos rios.

Ella vivia feliz em seu asylo sagrado, e passava alegremente os dias occupada em enfeitar de aureos matizes os véos da aurora, e esparzir palhetas de seus inexgotaveis thesouros pelos caminhos do sol; ou percorria as montanhas sacudindo do seio uma chuva de ouro e pedras reluzentes.

Nenhum mortal a conhecia, nem cobiçava os seus thesouros. O ouro, os rubins, as saphyras, os diamantes rolavam pelas torrentes de envolta com o cascalho sem fascinar a vista dos mortaes, e serviam apenas de brinco entre as mãos das creanças, sem ter aos olhos do homem maior valor, do que as pennas da arára ou do tucano, com que costumavam enfeitar o cocar ou o cinto da arasoja.

Mas ah! em uma hora malfadada a virgem depositaria dos thesouros de Tupá esqueceu sua origem celeste, e deixou-se levar por uma paixão terrestre.

Um dia, que ella passeava pelos valles visinhos á sua gruta encantada, deo com os olhos em um joven e formoso cacique, que dormia á beira de uma fonte á sombra de um pé de manacá, que balanceado pela viração entornava sobre elle uma nuvem de flores.

Levado pelo ardor da caça, e por uma audacia e agilidade incrivel, o imprudente moço grimpára os alcantis medonhos; chegára aos jardins da fada, e ali adormecera opprimido de fadiga. O suor do cansaço lhe escor-

ria pela frente, que pousava sobre o braço recurvado; o cocar, arco e flechas jaziam-lhe ao lado sobre a relva; o sangue juvenil e vigoroso lhe transparecia por sob a têz de jambo um pouco bronzeada pelo sol nos fragueiros exercicios da caça e da guerra. Era uma linda e encantadora figura em seu aspecto selvatico.

A esta visão, a fada estremeceu e sentio desusado abalo em seu coração. Julgou que era um manitô celeste, que Tupá lhe enviava para servir de companhia em sua solidão. Deo-lhe na frente um beijo fervente de amor, despertou-o, e o conduzio para os intimos recessos de seus palacios cristalinicos. Ali mostrou-lhe as deslumbrantes riquezas, que Tupá lhe prodigalisára; as abobadas de cristal sustentadas por columnas de porphydo e ágatha, enleadas de arabescos de ouro de mirifico lavor, a saphira, a esmeralda, o topazio, a ametista encrustados no pavimento em maravilhosos mosaicos, os vasos rutilantes de ouro e pedraria cheios das mimosas e fragrantas flores, que o sol faz desabrochar, e a cheirosa rocia de seus aljofares.

Fascinado por aquelles esplendores sobrenaturaes e engolfado nos gozos do amor, o moço indiano esqueceu-se de todo de sua terra e de seus irmãos, e viveu longos annos junto á fada da montanha. Esta entregue ás delicias de seu novo viver esqueceu-se tambem completamente dos misteres, de que fora encarregada pelo pae das luzes. A Aurora, quando arrojava seu carro fulgurante pelos campos do oriente, já não os achava, como d'antes, enastrados de rubins e de ouro; em vez da transparente poeira doirada, que lhe iriava os caminhos, tinha de guial-o á custo por entre cégas neblinas e temerosos nevoieros, e as rosas, que espargia pelos céos, fanavam-se e despedaçavam ao sopro iroso dos tufões entre nuvens tempestuosas ao estampido dos trovões. O sol via seus raios empalidecerem e embaçar-se a sua luz rutilante.

Então Tupá indignado fallou á filha descuidosa com a vóz do trovão. Os raios de céu cahiram em chuva sobre a montanha, que encerrava os palacios e os thesouros, que sua infeliz filha guardava para o amante em vez de com elles embellecer as obras da criação, como lhe incumbia.

Derretidas pelos raios ardentes, todas essas riquezas se embeberam pelas entranhas da terra, espargiram-se pelos veios graniticos das montanhas, pelos alveos profundos dos rios caudalosos, mescláram-se ás areias dos regatos e á argila dos morros aridós, esconderam-se em abysmos insondaveis, e pelos lobregos socavões de inacessiveis serranias. Os esplendidos paços subterraneos da fada calcinados pelo fogo do céu converteram-se

em medonhas e escuras furnas , seus jardins em um montão de negros e disformes rochedos.

O misero cacique arrojado nas baixas regiões , donde sahíra , vagou longo tempo pela terra , lastimando e procurando em vão a amante perdida para sempre e seus magnificos thesouros. Como um louco vivia a escarvar o seio das montanhas em procura dos encantados palacios do ouro, e n'esta insana lida ia-se definhando e enervando de dia a dia, até que Tupá compadecido de seu longo penar , o transfigurou em uma formosa arvore, que balancêa no céo a copa em grinaldada de flores de ouro. É o truculento Ipé, que como um cacique todos os annos se enfeita de um diadema de flores amarellas , diadema ephemero e irrisorio , que no outro dia o vento lhe arranca da frente e roja pelo chão.

A fada descahida das graças de Tupá foi condemnada a vagar incessantemente pelas cumiadas das álgidas serranias, e em vêz de derramar como outr'ora pela face da criação seus deslumbrantes thesouros, foi forçada a escondel-os com avara sollicitude aos olhos cubiçosos dos mortaes.

Erradia pelo recosto das montanhas alterosas, palido e macilento phantasma, sem gruta, sem palacios , sem jardins, a nympha vagueia de paiz em paiz, de montanha em montanha, procurando todos os meios de sonegar á cubiça dos homens o luzente metal e as preciosidades que Tupá confiava á sua guarda. Mas em vão ! por toda a parte a persegue a avidez insociavel dos mortaes ; por toda a parte quebra e viola os secretos e profundos cofres, em que procura aferrolhar esses thesouros, que os homens antepunham aos fructos da terra, e ás benções do céo, e a que rendiam cultos maiores do que ao proprio Tupá; porque tudo com elles se comprava, — os prazeres, a abundancia, o amor ; — tudo a elles se sacrificava, — a virtude, e a lealdade, a honra, e o pudor.

Em vão os esconde nos pincaros volcanicos das mais altas serras , ou os enterra em abysmos visinhos ao Averno; em vão os envolve em camadas e camadas do mais rijo granito, ou os sepulta no leito dos rios profundissimos. Em vão ! a sede insaciavel dos humanos, armada de industria e audacia, lacera o flanco das montanhas , perfura o amago da terra , desloca o alveo dos rios, despedaça e pulverisa o duro granito, e por toda a parte procura apoderar-se dos thesouros da desditosa fada.

E cada golpe de alavanca, ou de almocafre, que retine pelos algares da montanha, echoa doloroso em seu coração , e lhe arranca gemidos profundos, e pezarosos lamentos.

Assim n'esse viver inquieto e atribulado ella expia sua fatal fraqueza,

esperando a época, em que segundo as promessas de Tupá lhe será restituída a posse pacífica de seus maravilhosos palacios e de seus inexgotaveis thesouros.

— Espera, disse-lhe Tupá, a época em que os homens occupados sómente em lavrar a terra para d'ella tirar os fructos necessarios á vida não ponham mais olhos cobiçosos em teus thesouros, e em que a virtude, a paz e a innocencia voltem a habitar entre os mortaes. Emquanto não chegam esses tempos, expiarás, o filha rebelde e ingrata, os enormes crimes, que por tua leviandade os filhos do homem devorados pela sede do ouro, que imprudentemente ateaste em seu coração, vão perpetrar sobre a terra, ensopando-a de lagrimas e sangue.

II.

OS JARDINS DE TUPÁ.

Do valle de S. Paulo de Pyratininga, habitado outr'ora pela famosa tribu dos Tibiriças, partiram a maior e mais notavel parte das bandeiras ou expedições exploradoras, que nos fins do seculo xviiº e até o meado do xviiiº se internáram pelos sertões de Minas, Goyaz e Matto-Grosso com o fim de explorar essas regiões desconhecidas, submeter e escravizar as tribus indigenas, e principalmente para descobrir as minas de ouro e pedras preciosas, sobre as quaes se contavam cousas estupendas e fabulosas.

Os Paulistas forão pois os mais encarniçados inimigos da Fada do Ouro, os mais incansaveis e porfiados em descobrir os cofres occultos, em que ella procurava esconder seus maravilhosos thesouros. A descoberta do Eldorado era o sonho ardente d'esses audazes aventureiros, que por sertões inhospitos cruzavam toda a extensão da America portugueza em demanda do ouro, expondo-se a toda sorte de azares, e affrontando fadigas e perigos incriveis.

Entre os nomes d'esses denodados sertanejos avultam em primeira plana os de Bartholomeo Bueno e seus filhos, cujas viagens e assombrosos trabalhos sem duvida são bem conhecidos dos leitores. Um dos filhos de Bartholomeo Bueno foi encarregado pelo Governador da Capitania de S. Vicente, Rodrigo Cezar de Menezes de explorar e formar estabelecimentos no territorio de Goyaz, onde o pae de Bueno já tinha achado indicios e provas de immensas riquezas mineraes. A testa de um destacamento de cerca de duzentas pessoas, Bueno penetrou por aquelles sertões, cuja fama

de riqueza aurifera trazia enlevadas todas as imaginações. Dizia-se que pelas regiões banhadas pelo rio Cayapo era tão espantosa a abundancia de ouro, que para colher-o não seria preciso mais lavar as aveias dos rios, nem quebrar o granito das montanhas; via-se distinctamente o ouro em grossas barras scintilando ao sol no veio dos rios cristalinos; não seria mais com batêas e almocafres que seria extrahido; mas com alavancas e talhadeiras seria arrancado ou cortado aos pedaços, como pedras, que se tiram das pedreiras. A proporção d'estas assoalhavam-se outras taes e quejandas maravilhas, que excitavam de mais em mais a imaginação e a cobiça d'aquelles infatigaveis exploradores.

Tres annos o denodado Paulista andou entranhado pelas mattas e chapadões sem termo d'aquellas regiões só povoadas de feras e gentios. Emfim vendo baldados todos os seus trabalhos e pesquisas, e tendo perdido quasi toda a sua gente por enfermidades e desastres inseparaveis de uma tal empreza, resolveu-se a retroceder, e foi sómente alguns annos depois que voltou e estabeleceu a primeira colonia em Goyaz, para onde foi nomeado capitão-mór.

Quando Bueno cansado de viajar resolveu-se a voltar, um de seus companheiros, por nome Gaspar Nunes, disposto a perecer n'aquelles sertões, e a não voltar a seu paiz sem levar ao menos a noticia das minas, que procuravam, decidio-se a continuar as explorações encetadas. Associáram-se-lhe uns oito ou dez companheiros, dos mais resolutos e aventureiros. Separáram-se de Bueno, que em vão tentou dissuadil-os de tão louca empreza, e séguiram rumo do norte.

Levavam por armas sómente uma faca de matto, uma azagaia, e um arco e flechas, que lhes servia para matar a caça para seu sustento, e substituiu-lhes as escopetas, que tinham abandonado como carga inutil, pois não pediam achar n'aquelles desertos munição para ellas.

Assim se foram desprovidos quasi de tudo, munidos sómente de audacia e resolução. Atravessáram sertões immensos, transpuzeram cordilheiras, passáram rios caudalosos sem nada encontrar, que pudesse compensar um dia só dos rudes trabalhos e privações, por que ião passando.

Já quasi esmorecidos e arrependidos de sua louca tentativa, quando um dia avistáram uma india, que á beira de um capão embalava á sombra um menino doente em uma maca de palha de buvity. A india trazia braceletes e outros ornatos de ouro. Foi um achado, que encheu de alegria os nossos aventureiros.

Chegáram-se a ella; assustou-se, tomou o menino nos braços, e quiz correr; mas elles, que em suas longas excursões pelos sertões tinham

apprendido alguma cousa da lingua dos Tupis, tranquillisaram-a, e a resolveram a não fugir. Gaspar, que era algum tanto curandeiro, preparou e applicou alguns remedios do matto, com os quaes a creança começou a ter melhoras.

A india agradecida tornou-se summamente docil, e contou-lhes que os de sua tribu perseguidos por outra tribu inimiga viram-se obrigados a fugir, e a tinham abandonado ali sosinha por não poderem salva-la com o filho doente. Tinham querido matar a creança, mas ella oppozera-se a isso desesperadamente, e por isso a tinham abandonado.

Os Paulistas perguntavam-lhe onde achava aquelle ouro, que trazia nos braços e no pescoço. Quiz ella dar-lhe aquelles adornos, mas elles recusáram, e insistiram, para que lhes indicasse o lugar, em que os havia. A india declarou, que não longe d'aquellas paragens existia um lugar, em que era pasmosa a abundancia de ouro, e de pedras preciosas.

— Ahi, — dizia ella, o cascalho dos rios é de diamantes, e os rochedos das montanhas são de ouro, e o que ha de mais extraordinario ainda, é um grande penedo todo inteiro do mais puro ouro, que existe encima de uma serra, e que alumia tanto, quando o sol lhe bate defronte, como se fosse um outro sol. Mas ai de vós, acrescentava ella com certo ar de terror, — ai de vós, se lá entrardes! lá são os jardins de Tupá, e nenhum mortal ainda lá entrou, que voltasse nem vivo, nem morto.

— Se é assim, — perguntaram-lhe — como se sabe que lá existem todas essas riquezas?

— Avista-se de longe, respondeu a india; — e alguns já tem entrado lá e apanhado muito ouro e diamantes; mas sahem logo; os que ficam lá de noite é que não escapam.

E não se sabe então, quem é que assim acaba com os que lá vão ter? perguntou Gaspar, cuja curiosidade, bem como a de todos os seus companheiros, subia de ponto com as revelações da india.

— Oh! sim! sabe-se; sabe-se muito. São os tatús brancos.

— Tatús brancos!... que diabo de qualidade de bicho é essa?

— Não é bicho, não; é uma casta de gente terrivel, que vive debaixo da terra como o tatú durante o dia, e só de noite sahe do buraco. São brancos, brancos como o leite d'estes meus peitos, e numerosos como as formigas, e ai de quem lhes cahe nas garras; não deixam ficar nem os ossos. Tupá não quer que ninguem pise nos seus jardins, e pôz lá essa raça maldita para vigial-os.

— E podes nos guiar a esses lugares? protesto, que havemos de dar cabo d'essa corja de tatús brancos, que vos faz tanto medo.

— Eu pôr lá meus pés?! Tupá me defenda ; tenho muito medo...

— Não será preciso , nem queremos , que chegues até lá comnosco ; basta, que vás até certa altura , em que possas mostrar de longe esses sitios ; depois irás para onde quizeres.

— Lá isso pode ser ; mas vós , — pensai bem , — vós ides correr á uma morte certa...

— Não te dé isso cuidado ; estamos acostumados a affrontar a morte todos os dias ; é nos preciso absolutamente ir lá.

A india em vão tentou demover os audaciosos Paulistas de seu temerario proposito ; movida emfim pelos rogos e instancias dos mesmos á muito custo resolveu-se a ir guial-os até ás proximidades d'esse sitio tão cheio de maravilhas e perigos.

Os Paulistas com a phantasia exaltada pela pintura , que a india lhes fizera das assombrosas riquezas d'essa região , não cabiam em si de contentes, e davam ao desprezo a historia dos Tatús brancos, de que riam-se a bandeiras despregadas, divertindo-se á custa da credulidade dos pobres indios.

— Bruxarias de bugres ! — diziam elles entre si. — Que perigos poderemos nos ahi encontrar, que já não tenhamos affrontado por uns medonhos desertos, que temos atravessado ! animáes bravios, serpentes venenosas, gentios ferozes?... com esses de ha muito estamos avezados a nos haver, e não nos faltará astucia e valor para lhes escapar. — Se esta pobre gentia não está zombando de nós, vamos emfim colher o fructo de nossa audacia e de nossos trabalhos ; havemos de entrar nos jardins de Tupá, e tocar com a mão no grande sol de ouro, bem que peze aos Tatús brancos e ao mesmo Tupá.

Portanto puzeram-se a caminho guiados pela india. Depois de tres dias de bom caminhar chegaram á uma eminencia, d'onde descortinaram um vasto e formosissimo valle, formando um quadrado quasi regular , e encaixado por todos os lados entre serros de pouca elevação.

— É ali ! — disse a india apontando para o valle, mas quasi sem olhar para lá. — Ali embaixo as arêas dos regatos são de ouro , e o cascalho de diamantes. Amanhã, quando o sol levantar-se d'aquelle lado, olhai para acolá (e apontava para o poente) e vereis emcima d'aquella serra brilhar uma cousa como um sol defronte de outro sol. Porem cuidado ! lembrai-vos bem do que vos disse da gente, que ahi mora ; ai de vós, se vos presentem. De noite escondei-vos , e resguardai-vos bem. Agora , adeos ! Tupá vos preserve das garras dos Tatús brancos. D'aqui ao paiz de meus irmãos não é longe, em breve estarei com elles.

Ditas estas palavras a india deitou-se a correr para traz. Em vão quizeram detel-a chamando-a em altos gritos ; a india tornava-se surda, e corria a bom correr, até que de todo desapareceu a seus olhos.

Era já sol posto ; a perspectiva, que tinham diante dos olhos era das mais bellas e magnificas ; mas a noite, que começava a descer, não permittia que devidamente a apreciassem.

Os aventureiros assentáram de pernoitar ali mesmo para no dia seguinte descerem a explorar o extenso e formoso valle, que tinham diante de si.

B. GUIMARÃES.

(Continuar-se-ha.)





LENDAS DO SERTÃO.

O PÃO DE OURO.

CONTINUAÇÃO.

BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA
RIO DE JANEIRO

III.

OS JARDINS DE TUPÁ.



penas alvoreceram os primeiros clarões do dia, já os nossos intrepidados aventureiros estavam em pé, e impacientes já como que devoravam com os olhos os imensos thesouros, em cuja posse esperavam entrar d'ahi a pouco sem a menor contestação. Collocados em um cómodo eminente, d'onde podiam descortinar o valle em toda a sua extensão, presenciáram o mais esplendido e assombroso espectáculo, que é dado a olhos humanos contemplar.

O sol começava a surgir no oriente a direita dos Paulistas, que anhelantes de curiosidade e impaciencia aguardavam o seu apparecimento. Apenas o seu disco resplandeceu no horisonte, os olhos de todos elles volveram-se como por encanto para o lado do occidente, e um grito de surpresa e admiração rompeu a um tempo dos labios de todos elles. Ali um rochedo enorme aprumado sobre a grimpá mais elevada da montanha bri-

lhava como uma lamina de ouro polido, e parecia mesmo, como disséra a india, um sol, que assomava defronte de outro sol a competir com elle em belleza e resplendor. Este estranho e maravilhoso espectaculo os teve longo tempo em muda contemplação suspensos e absortos de admiração.

Voltados apenas d'aquelle primeiro assombro, estenderam suas vistas pela encantadora paizagem, que se desdobrava á seus pés. Ao norte o valle se prolongava muito ao longe encrespando-se em collinas levemente accidentadas, que se ião perder nas brumas cinzentas dos remotos horisontes. O terreno comprehendido entre as serras, que formavam como um cinto de muralhas em torno d'elle, era dividido em vastas leiras abauladas cobertas da mais esplendida verdura e separadas entre si por uma multidão de ribeiros, que descendo da serra de oeste, se encaminhavam por um leve pendor para o lado opposto a se confundiram em um rio, que lambia as faldas da serra do oriente. D'esta tambem se despenhavam em crystal-linas espadanas cascatas, que aqui e acolá pelo roto das aguas deixavam ver laminas de ouro scintilando ao sol.

Çapões tufudos cheios de viço e fresquidão se estendiam pelas orlas dos correjos, como cercas de verdura dividindo em vastos canteiros de relva aquelles deliciosos sitios.

Fartos já de dar pasto aos olhos por esse magnifico panorama, Gaspar e seus companheiros desceram a serra, e como a encosta não era extensa, em breve se acharam enredados pelos viçosos vargedos d'aquella deliciosa vallada, toda entremeada de vergeis, de veigas matizadas de flores, de lezi-rias extensas, formando um labyrintho, em que com difficuldade se orientariam nossos bravos sertanejos, se não fosse a rocha de ouro, que lhes servia de pharol, e que pela elevação, em que se achava sempre lhes ficava á vista. A cada vertente, que passavam, a cada correjo, que transpunham, escapava-lhes um grito de surpresa e admiração. Aqui deparavam com um montão de areia de puro ouro accumulado pelas torrentes pluviaes; acolá ao passar de um regato seus pés pisavam uma barra de ouro massiço; além era um arroio, cujo alveo estava marchetado de palhetas scintilantes; mais adiante no seio azul de um limpido remanso, os diamantes, os rubins, as saphiras rutilavam como as estrellas no fundo do firmamento.

Além d'essas maravilhas do reino mineral, tambem a vegetação era a mais esplendida e opulenta, que se pode imaginar. A mangabeira, o araticum, o cajueiro espalhavam por todas aquellas veigas o suavissimo cheiro de seus fructos. O maracujá enlaçando pelos arvoredos suas ramas flexi-

veis formava berços e grutas de verdura da mais amena fresquidão, embalsamadas do aroma de sua flor symbolica e de seus fructos deliciosos. Renques de altos buritys se estendiam ao longo das vertentes como filas de selvaticos guerreiros balanceando na frente seus vistosos cocares.

Aves de mil variadas especies povoavam essas encantadas solidões, e as enchiam de mil alegres rumores. Manadas de veados pastavam tranquillamente pelos campos sem temer as matilhas do caçador. A loutra e a aririnha de pello auri-luzente saltava a emborcar-se n'agua dando caça aos peixes, que em cardumes vagueavam pelo veio cristalino dos corregos alardeando a belleza de suas escamas de ouro e prata, de purpura e azul. Pacas aos bandos retouçavam á beira dos arroios, e mergulhando n'agua recolhiam-se ás tócas conhecidas. O saguim, a irára, o quati e outros animaesinhos inoffensivos saltavam e brincavam pelas ramas das arvores. Por toda a parte a natureza ostentava vida, magnificencia, esplendor e belleza.

E tudo n'aquella aprazivel solidão se achava intacto e virgem. Nenhum signal indicava, que jamais ali houvesse penetrado pé humano; nem um ramo quebrado, nenhuma relva trilhada, nem uma pedra aluida de seu lugar nativo. Era como um Eden, que acabava de sahir das mãos do Creador, e que só esperava o Adão e a Eva, que deviam povoal-o. Mas todas essas louçanias da natureza pouco attrahiam as vistas de nossos aventureiros, que deslumbrados pela prodigiosa abundancia de ouro e pedrarias quasi, que eram cegos e surdos para tudo o mais.

— Meus camaradas, — disse um d'elles, — acho bom que voltemos sobre nossos passos. Já conhecemos, quanto é bastante este sitio, e suas immensas riquezas; já as vimos com os nossos olhos e as tocamos com as nossas mãos. Somos poucos, e tentar avançar mais seria grande temeridade da nossa parte. Em outra occasião poderemos voltar em maior numero e mais bem apercebidos contra qualquer eventualidade. Quem sabe se a india, que nos não ha enganado a respeito da riqueza d'estes lugares, tambem nos não disse verdade a respeito d'essa nação alva como leite...

— Quem pode acreditar nas bruxarias d'essa pobre gentia! — atalhou um outro. — Como entre nós outros ha quem acredite em almas do outro mundo, tambem essa pobre gente tem suas abusões, de que não devemos fazer caso algum.

— E demos graças a Deos, — accrescentou outro, — por haver entre elle d'essas abusões; á ellas devemos nós a ventura de achar intactos estes immensos thesouros. Aliás já tudo isto estaria revolvido e estragado.

— Mas, — objectou o primeiro dos interlocutores, — é esta mesma extraordinaria abundancia de riquezas, que temos diante dos olhos, entre

as mãos e debaixo dos pés, que me faz ficar assim temeroso e pensativo. A fé de Paulista, que me parece, que estamos em uma terra de feitiçarias e encantamentos. Quer me parecer, que tamanha riqueza não pode existir senão por milagre de algum magico ou de alguma fada, e que não pode deixar de ser guardada ou por essa nação alva, de que nos fallou a bugre, ou por alguma enorme serpente ou dragão de fogo...

— Mal hajão tuas historias de encantamentos e bruxarias! replicou Gaspar com enfado. Pensas acaso, que com essas bugigangas has de metter medo a nos os companheiros de Bartholomeo Bueno, que temos corrido quantos azares e affrontado quantos perigos ha n'este mundo?...

— A fé de Paulista, que me não comprehendes, Gaspar, e te zangas debalde, — retrucou o outro. Apareça esse, que já me vio recuar diante de perigo algum, e muito menos procurar desanimar os outros! Isto, que eu digo, são abusões ca de minha cabeça; mas não estorva, que marchemos avante, ainda que nos leve o diabo. Hajão embora tatús brancos ou pretos; serpentes ou dragões de fogo, haja o diabo a quatorze, por minha alma vos juro, não serei eu, quem recue um só passo.

— Sem duvida, meu bravo companheiro, nem eu digo o contrario; nós, que ainda não tivemos pavor diante de perigo algum visivel e palpavel, nem diante de inimigos de carne e osso, havemos de recuar diante de phantasmas da meia noite! Recuar agora seria dar um couce na fortuna, que nos abre seus braços. Até agora ainda não encontramos vestigio algum, que denote haver por aqui creatura humana nem branca nem preta, nem cousa alguma, que nos possa inspirar receios. Temos já visto muita cousa; mas ainda não vimos tudo. Seriamos uns poltrões dignos do desprezo e do escarneo de nossos patricios, se tendo chegado até aqui sem o menor contratempo, por um vão terror deixassemos de ir ver de perto e tocar com as nossas mãos aquella grande maravilha, que lá resplende do lado do occidente. Avante pois, companheiros! nada de vãos receios! avante!

Estas palavras de Gaspar foram applaudidas com calor e electrizaram a companhia. Continuáram pois seu caminho em direcção á montanha do Pão de Ouro, como elles a appellidavam, e que sempre lhes ficava em vista por causa de sua elevação, pisando sempre um chão crivado de prodigiosas riquezas mineraes, e coberto da mais esplendida e luxuriante vegetação. Ao cabo do dia chegáram á base da montanha, que não era de grande elevação, mas cujas abas eram bastantemente ingremes e alcantiladas, formando a modo que uma muralha, que, como a dos outros lados, servia de cerco e limite á aquelle recinto de delicias.

IV.

OS TATÚS BRANCOS.

Chegados ao pé da montanha ao descahir do dia, nossos bravos aventureiros tratáram logo de explorar qual seria o ponto mais favoravel, por onde deveriam procurar galgar ao cimo, em que existia o Pão de Ouro.

Contentíssimos por terem avançado até ali sem o menor contratempo, já não se lembravam dos Tatús brancos, nem dos sinistros avisos da india, senão para rirem-se com a melhor vontade de tudo isso. Percorrendo as abas da serra topáram uma especie de furna ou mina á maneira da boca de uma fornalhá, que se prolongava horizontalmente pelo amago da montanha até perder-se nas trevas. Esta furna não tinha talvez nem meia altura de um homem, e para n'ella entrar seria preciso andar de joelhos e mãos no chão. Não lhes causou isto grande impressão; pensaram, que seria alguma lapa natural, provavelmente guarida de animaes bravios, e continuáram em suas explorações. Mais uma centena de passos adiante deparáram outra furna da mesma forma e do mesmo aspecto; mais adiante ainda outra. Começáram a scismar, e analisáram com attenção a boca da furna, não encontráram rasto algum nem de alimaria, nem de homem; penetráram por ella a dentro até onde o podiam fazer sem perigo; nada viram, e nem ouviram. Não sabiam o que pensar.

Proseguiram seu caminho, e mais adiante encontram outra furna de forma identica, e assim por diante outras e outras muitas. O caso tornava-se digno de attenção e proprio para inculcar serios medos. Os indios da noite, alvos como leite e ferozes como o tigre, vieram á lembrança de todos, e a despeito da incontestavel intrepidez e valentia d'aquelles rudes viajores affeitos a romper por todos os obstaculos e perigos, um sentimento de pavor lhes assaltou o espirito, e fez-lhes tremer o coração. É que tudo que tinham visto n'aquelle dia e n'aquella região era estranho e extraordinario, e assim já não duvidavam muito, que d'aquellas gargantas subterraneas surgissem monstros a devoral-os. A noite, que já vinha descendo, contribuia ainda mais para tornar pavorosa a sua situação.

— Isto não pode ser tóca de animaes bravios, — disse Gaspar. — Consta a algum de vós, que hajão féras, que tenham seus covis assim dispostos de modo tão regular e uniforme?

— Não; nunca vimos, nem ouvimos fallar em tal, — foi a resposta de todos.

— Portanto, meus amigos, — continuou Gaspar, — se existem esses Tatús brancos, de que nos fallou a india, aqui n'estas furnas deve ser a guarida dessa gente alva, que aborrece o dia, e só de noite sahe de suas tócas. Mas não vejo motivo nenhum n'isto para nos acobardar, meus bravos amigos. Nós, que temos feito frente a homens, que amam a luz, e não tem receio das trevas, e temos sabido escapar-lhes das garras nenhum receio podemos ter d'esses immundos filhos das trevas. Elles só de noite apparecem, portanto tractemos de nos pôr a salvo em algum lugar, onde nos não possam ver, mas de onde os possamos espreitar e observar a nosso gosto. Amanhã, depois que se recolherem veremos o que se pode fazer para dar cabo d'elles.

— Como de dia não sahem, e nada podem fazer, — dizia um d'elles, — o melhor, que se pode fazer, é tapar as bocas das furnas entulhando-as com as maiores pedras, que podermos carregar, assim emparedados, veremos por onde podem escapar-nos.

— Isso não tem proposito, — respondia outro, — e seria muito difficil tapar-se tantas bocas de furna em um só dia. Demais lembremo-nos, que são tatús, e podem furar uma sahida por onde bem lhes parecer. O melhor é ajuntar bastante lenha na boca de cada furna, e deitar fogo; assim os suffocaremos e os mataremos todos, como se matam as formigas cabeçudas lá em nossa terra.

A pouca distancia das furnas havia um monticulo, cuja cima era guardada de um grupo d'essas arvoresinhas, que costumam formar bosquetes em meio dos campos. D'ali podiam avistar as bocas de quasi todas as furnas, e era a posição mais favoravel, que podiam encontrar para se esconderem e ficárem de espreita.

Para ali pois se dirigiram, occultáram-se do melhor modo que puderam, e ficaram apercebidos para o que desse e viesse.

A noite cahia escura, sem estrellas e sem luar; o céu estava tolhado, e apenas se podia encherger a mui curta distancia. Apenas as trevas tinham acabado de cerrar-se de todo, os nossos heroes começaram a ouvir um rumor confuso e indefinivel, que partio do lado da serra. Eram como uns échos cavernosos e longinquos, ora como o toque de uma matilha de cães, e gritos de caçadores, que perseguem ao longe um veado ou uma anta no seio de uma gruta profunda; ora murmurava confuso a maneira do grunhir de uma vara de porcos. De subito aquelle alarido se tornou mais intenso e distincto; eram gritos, guinchos, ganidos, assobios, bramidos,

uivos, uma mistura emfim de sons de toda a especie, que restrugia pela boca das furnas e se expandia pela vallada de um modo medonho e atroador. Por mais de uma hora os desgraçados aventureiros estiveram escutando na mais terrivel anciedade aquella estranha vozeria, que de momento a momento mais se avisinhava e augmentava de intensidade. Nada podiam ver, porque era grande a obscuridade da noite; mas pela natureza dos sons logo comprehenderam, que eram soltados por gargantas e labios humanos, e por uma multidão incalculavel de pessoas.

Então, — ai d'elles! já bem tarde! fugio-lhes do espirito toda e qualquer duvida, que ainda podessem conceber acerca da existencia dos Tatús brancos; o que julgavam parto extravagante da imaginação supersticiosa dos selvagens, tornava-se medonha realidade. Eram sem duvida os Tatús brancos, que sahiam de tropél de suas tócas, e se derramavam em chusma pela campanha, fazendo toda aquella tremenda algazarra, como um bando de meninos ao sahir da escola, porém mil vezes mais atroadora e pavorosa. Começavam a comprehender, quão desesperada era a sua situação, e arreponderam-se mil vezes de sua louca temeridade; mas era tarde.

Por um momento comtudo julgáram-se salvos. Os bandos dos selvagens até então apinhados ao sahir das furnas, parecia que se ião espalhando pela campanha; as vozerias diminuiam pouco e pouco, e como que se ião derramando e dissipando ao longe. Alguns grupos apenas pareciam rondar pelas visinhanças do monticulo, em que se achavam nossos aventureiros. Estes, para melhor se esconderem, trepáram nas arvores e se occultáram entre as ramas; mas ai d'elles!

A lua, que estava em seu primeiro quarto depois de cheia, começou a despontar; o céu se desnublou; e o theatro d'aquella assombrosa scena foi-se clareando.

Uma multidão innumeravel de entes humanos perfeitamente nús e alvos como a neve, espalhados por todos aquelles contornos vaguavam em todos os sentidos, e se derramavam pelas campinas. Uns se embrenhavam pelos matos, outros corriam atravez dos campos com a rapidez da corça, outros trepavam nas arvores com a agilidade do macaco, outros esfurcavam a terra com as unhas como verdadeiros tatús, assim dispersos em desordem se ião affastando da entrada das furnas, com excepção de alguns pequenos ranchos provavelmente velhos e creanças, que se conservaram ao pé d'ellas. Quem tem observado, quando se revolve a terra de um formiguero, aquella immensa quantidade de ovas brancas carregadas nas costas das formigas, que desaparecem debaixo d'ellas, sahindo das células correrem ás tontas cruzando-se em todos os sentidos, redemoi-

BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO

nharem e se espalharem aos poucos, terá uma justa imagem se bem que em miniatura, do que eram os tatús brancos ao precipitarem-se de tropel fora das tócas e se derramarem pelas campinas.

Atonitos e transidos de pavor os aventureiros Paulistas, aos quaes em taes conjuncturas de nada podia valer toda a sua intrepidez e valentia, observavam aquelle estranho espectáculo. Já alguns grupos vagueavam á mui pequena distancia do lugar, em que se achavam nossos heroes.

Estes de medo de serem descobertos quasi que nem respiravam, e murmuravam tremendo quantas orações e rezas tinham apprendido. Mas estavam bem escondidos, e restava-lhes ainda a esperança, de que os tatús poderiam passar além sem d'elles darem fé.

Os malditos selvagens porém, alem de terem melhor vista de noite do que os lynces de dia, parece que tinham um faro tão apurado como os melhores cães de caça.

Uma chusma d'elles investio de repente em altos gritos contra o monticulo, em que se achavam refugiados os Paulistas. Estes comprehenderam logo, que estavam descobertos, e que para elles não havia mais salvação possivel. Desceram pois das arvores, rezáram e encommendáram suas almas a Deos, e indignados de morrer ás garras d'aquelles entes abjectos e immundos fizeram proposito de ceifar antes de succumbir o maior numero d'elles, que podessem. Os tatús brancos eram de mui pequena estatura, quasi anãos, mas ageis e robustos. Suas armas eram seus proprios dentes e unhas, que as tinham curvas e agudas como os carnivoros, ou páos brutos, que quebravam pelo mato, e as pedras, que encontravam pelo chão.

Um montão d'elles ficáram logo espichados por terra aos golpes desesperados dos Paulistas, que as vezes de um só gilvaz de suas catanas faziam morder o chão a dois e tres. Mas não puderam resistir por muito tempo ao numero infinitamente superior de seus aggressores.

A maior parte succumbiram na lucta ; alguns porem foram garroteados e amarrados pela turba cada vez mais apinhada dos Tatús-brancos, e entre esses Gaspar.

Gaspar apertado por uma chusma d'elles, trepou emcima de um cocurato ou cupim, que a fortuna lhe deparou, vibrando golpes de espada por todos os lados, os ia matando aos montes com a mesma facilidade, com que os nossos caçadores trepados em um touco de arvore costumam matar uma vara inteira de caitetés, que espumantes e furiosos o atacam por todos os lados. Mas o seu numero era demasiado grande ; atracáram-se-lhe ás pernas, e o fizeram tombar de bruços sobre a pilha de cadaveres,

que tinha amontoado em torno de si. Uma bordoadá na nuca o atordoou; foi amarrado de pés e mãos, como seus companheiros.

Houve grande altercação e horrivel algazarra acompanhada de sanguinolentas vias de facto, por occasião da distribuição das presas, isto é, dos corpos dos prisioneiros vivos e mortos. A carne humane parece que era para elles finissima iguaria por isso mesmo que raras vezes podiam obtel-a.

Pelo que era grande a ganancia e grande tambem a alegria e o entusiasmo pela bella caçada, que acabavam de fazer, posto que tivessem perdido na lucta não menos de cincoenta a sessenta companheiros.

No fim de contas, não podendo chegar á accordo algum amigavel, os mais atrevidos foram agarrando nos cadaveres e prisioneiros vivos, e sempre em briga uns com os outros ás dentadas, unhas e pontapés, os foram carregando em charola para a boca de suas furnas.

Tocou um Paulista a cada uma das furnas, as quaes, ao que parece, eram habitadas cada uma por uma familia ou tribu, ficando outras muitas queixosas e descontentes. A furna porém, a que foi recolhido Gaspar, teve dois corpos, elle e mais um companheiro tambem vivo, talvez porque pertencia ao chefe ou primaz d'aquella gente, que de humano apenas tinha a figura.

V.

NO INTERIOR DA FURNA.

Quem tiver reparado no modo por que as formigas costumam carregar para a cova o misero insectosinho, que teve a desgraça de cahir-lhes nas garras, fará uma idéa justa da maneira por que Gaspar e seus companheiros, amarrados com cipós de pés e mãos, carregados cada um por sete, oito e mais selvagens, uns puchando para aqui, outros para acolá, uns pegando, outros largando, uns arrastando, outros empurrando, foram introduzidos aos trambulhões pelas furnas a dentro no meio de uma selvatica e immensa grita de triumpho.

Gaspar durante o trajecto com os abalos e empuchões dos conductores, foi voltando a si do atordoamento, que lhe causára a bordoadá, que recebera na nuca. Lá dentro a escuridão era completa, impenetravel, e a despeito d'isso aquelles selvagens, affeitos ás trevas, pareciam encherger, pois moviam-se com toda a presteza sem se abalroarem, e faziam tudo

com todo o desembaraço, como se estivessem á luz do meio dia. Inimigos da luz não faziam fogo, e o clima tepido d'aquellas regiões os dispensava de se aquecerem.

Gaspar pensava ter cahido vivo no inferno, e sua pavorosa situação ainda mais cruel se tornava pela lembrança do rico e delicioso valle, que tinha ali tão perto de si, e que ainda a pouco acabava de atravessar com o coração a transbordar de esperanças e o espirito cheio dos mais brilhantes projectos. Atravessar o paraíso para cahir de chofre n'aquelle inferno de eterna escuridão ! Oh ! que era um transe de pungir, de ralar o coração !

Gaspar foi atirado no chão, amarrado como estava como um porco, que se vae sangrar. Pelo tropél e vozeria dos selvagens comprehendeu, que a furna se dilatava interiormente em um vasto subterraneo, cuja atmospherá pesada e quente estava carregada de miasmas infectos e nauseabundos. Posto que transido de horror sua curiosidade era grande, e ao menos para disfarçar sua angustia desejava conhecer aquelle inferno, onde a sorte o precipitava por modo tão estranho e desapiadado. Esperava, que ascendessem algum lume ; mas em vão ; aquella gente, inimiga da luz do sol, ignorava até o uso do fogo.

Estava pois condemnado á perpetuas trevas ; estava como no tumulo em vida. O unico pensamento, que ainda o consolava, era a esperança de que aquelles selvagens não deixariam em breve de dar-lhe cabo da vida. Uma scena horrorosa, que lhe ferio os ouvidos, ainda mais o veio confirmar n'aquella idéa.

Por entre o alarido sinistro dos selvagens, Gaspar ouviu um ruido como de pauladas sobre um corpo humano, de ossos que se quebravam a repetidos golpes, e os gemidos de uma victima nas agonias da morte. « Ai ! meu Deos ! meu Deos ! piedade ! » foram as ultimas palavras, que sahiram dos labios do padecente, e echoáram lugubrememente pela escuridão infernal d'aquellas abobadas. Gaspar conheceu voz de um de seus mais queridos camaradas ; deo um arranco e um rugido de desespero ; ai delle ! o que poderia fazer senão esperar tambem com resignação a sua vez!...

D'ahi a pouco um novo rumor ainda mais estranho chegou-lhe aos ouvidos. Era o de um corpo, que se rasgava, que se esquartejava brutalmente entre as mãos d'aquelles ferozes selvagens, que se lançavam á preza e a disputavam entre si como um bando de cães esfaimados. Seguiu-se depois o ruido da mastigação, das carnes, que se rasgavam dos ossos, que estalavam entre os dentes caninos d'aquellas feras humanas,

que devoravam quentes e ainda palpitantes os membros da victima. Quem não os tivesse visto, julgaria estar n'um antro de lobos ou pantheras. Gaspar sentio o cheiro das entranhas palpitantes e do sangue ainda quente de seu companheiro. Os cabellos se lhe eriçaram, bagas de suor frio roláram-lhe pela testa, cerrou os olhos em uma vertigem, e teria cahido em terra, se já não estivesse amarrado e estendido no chão.

Passados aquelles momentos de turvação, os olhos de Gaspar, já um pouco familiarizados com a espessa escuridão que reinava na furna, começaram a divisar mui confusamente os vultos branquicentos dos selvagens, que se moviam mais perto d'elle. Um d'estes se avisinhou, póz-se de joelhos, debruçou-se sobre elle, tocou-o com as mãos, e esteve como que o contemplando por algum tempo. Gaspar estremeceu.

« É chegada a minha vez! » disse comsigo; rezou o acto de contricção, e encommendou sua alma a Deos.

Immediatamente um grupo numeroso se acercou d'elle dando gritos de feróz alegria. Gaspar esperava a cada instante os golpes, que deviam matal-o, e avançava a cabeça para n'ella recebel-os a fim de morrer mais depressa. Já os cacetes estavam alçados sobre elle; subito o indio ou india, que estava debruçado sobre elle, levanta-se bruscamente, estende os braços sobre o prisioneiro, e suspende os golpes dos selvagens; dirige-lhes depois algumas palavras, antes gritos em tom imperioso, e com um gesto fal-os se retirarem como um bando de urubús, que o cão só com um rosnar enxota da carniça, sentou-se depois outra vez juncto de Gaspar, tocou-lhe o corpo com as mãos, encostou as faces em suas faces, os labios em seus labios, e pousou seu peito sobre o d'elle. Gaspar reconheceu, que era uma mulher, e sentio um horror e um asco irresistível. Essa mulher, que assim o affagava, tinha as mãos e a boca besuntadas do sangue de seu camarada a pouco devorado, e seu halito tresandava um cheiro infecto e nauseabundo de sangueira. Gaspar sentio as entranhas se lhe revolverem em ancias crueis. Se elle se visse com o pescoço enleado entre as roscas de uma serpente, que com a farpada lingua lhe lambesse as faces e os labios, não sentiria tanto horror e repugnancia, como ao ver-se enlaçado nos braços de tão repulsiva creatura.

A india retirou-se, e um momento depois voltou trazendo uma pelle, que estendeu no chão juncto a Gaspar; desatou-lhe os cipós das mãos sómente, e por gestos o convidou a repousar, e tornou a retirar-se. D'ahi a momentos tornou a apparecer trazendo-lhe para alimento o que! Sancto Deos! o braço de seu camarada esquarterado, ainda quente e fumegante! À tal vista Gaspar soltou um grito de horror, voltou bruscamente o rosto;

e o escondeu entre as mãos. A mulher parece que comprehendeu sua repugnância, e foi lhe buscar fructos ; estes eram sãos e saborosos, colhidos a pouco nos valles proximos aquella espelunca infernal. Gaspar não tinha fome, mas sentia necessidade de alimentar-se ; comeu-os, e ao comel-os não poude deixar de exclamar : « Ah ! fructas do paraiso, quanto sois deliciosas ! mas ai de mim, que sou condemnado a comer-vos no inferno ! » A india retirou-se, e não voltou mais essa noite.

Gaspar deitou-se na pelle e reflectio amargamente sobre seu cruel destino. Já não havia para elle duvida, que aquella mulher, que pelo ascendente, que exercia sobre os outros parecia ser filha, irmã ou talvez mulher do cacique ou chefe d'aquella gente, se tomára de amores por elle, e a esse facto devia elle o ter-se-lhe poupado a vida. Mas que vida, meu Deos ! e por que preço !

— Descer vivo a escuridão dos tumulos, — pensava Gaspar, — para viver em perpetuas trevas e completa solidão no meio d'esta corja de monstros repulsivos, que mais parecem um bando de tatús a esfuracarem as sepulturas de um cemiterio infecto ! e para cumulo de miserias ter de ser ainda o alvo, em que se devem cevar os desejos amorosos de uma harpia repugnante e asquerosa ! que sorte mesquinha e amargurada ! quanto é preferivel o destino d'esse meu companheiro, que ainda a pouco devoravam ! antes minhas carnes, como as d'elle, já estivessem sendo digeridas por esses estomagos esfaimados ! Oh ! meu Deos ! antes a morte, mil vezes a morte !

E o misero Paulista pedia a morte de todo o seu coração.

Mas reflectindo depois melhor e com mais calma, lembrou-se que talvez lhe não seria impossivel evadir-se d'aquelle inferno, e que o amor da india longe de ser um estorvo, poderia proporcionar-lhe os mais favoraveis ensejos a sua fuga, contanto que elle soubesse haver-se com astucia e habilidade. Pensou muito n'isso, e por fim resolveu-se a viver e a esperar, e o que era mais penoso ainda, a corresponder aos repulsivos affagos de sua abominavel amante.

A noite, que para elles era o dia, estava ainda longe de seu termo ; portanto os tatús brancos tinham sahido todos de novo a correr os campos, ficando apenas alguns rondando a caverna e guardando o prisioneiro. Extenuado pelas fadigas do dia, cansado de emoções violentas e de amargas reflexões, Gaspar adormeceu pensando nos meios que empregaria para obter a sua evasão.

(Continuar-se-ha.)

B. GUIMARÃES.





LENDAS DO SERTÃO.

O PÃO DE OURO.

FIM.

VI.



Quando Gaspar acordou, as trevas, que reinavam na caverna, já não eram tão espessas, um fraco crepúsculo, que parecia entrar por uma abertura no alto da abobada, permittia avistar-se mais claramente e á alguma distancia, como em uma noite não muito escura, mas sem estrellas nem luar. Era o dia, que surgira, não para aquelle inferno de perpetuas trevas, mas para o mundo exterior. Todavia a alma de Gaspar expandio-se algum tanto com aquelle escasso clarão, que sempre lhe permittia lobregar alguma cousa entorno de si : rezou a Nossa Senhora dos Afflictos, e esperou.

Os Tatús brancos afugentados pela luz do sol, que não podiam supportar, começaram a recolher-se de tropel a seu covil. Depois de terem roído esfaimadamente os restos dos ossos do defuncto esquartejado essa noite, e de terem devorado mais algumas alimarias e fructos trazidos do campo, estenderam-se no chão pelos cãntos da caverna empilhados uns sobre os outros e começaram a roncar como porcos em céva. Com o surgir do sol começava para elles a noite ; tinham ceado ; era bom, que agora dormissem.

Só dois vultos ficaram em pé de vigia a Gaspar, e para se não deixarem furtar do somno, roiam ossos, brincavam e tagarelavam. Meia hora depois appareceu a selvatica amante de Gaspar; a um aceno d'ella os dois vigias se retiraram e sumiram-se nas trevas da espelunca.

Os amores de Kora a heroína, da gentil Paraguassú, de Atalá e da meiga Celuta, e de todas essas formosas filhas das florestas nada tem de comparavel com a paixão, que o joven Paulista mesmo no meio da mais espessa escuridão e sem se fallarem, soube inspirar á aquella misteriosa princeza das trevas. Sómente não se podia dizer se era bella ou não; porém em compensação, podia-se dizer com litteral exactidão, e não por hyperbole como é manha de todos os poetas e romancistas, que ella era alva como jaspe, como neve, ou como casca de ovo.

Romêo ao avistar Julieta no topo da escada furtiva do palacio dos Montecchi não sentio tão violente abalo, seu coração não palpitou com tanta ancia, como o de Gaspar ao ver encaminhar-se para elle no meio das sombras da caverna, anhelante e com os braços abertos aquelle anjo das trevas alvo como ossada sem sepultura. Oh! que sim; mas o sentimento de um, era de prazer e de amor; e o do outro, era de asco e de horror.

Todavia Gaspar resolvido a aproveitar-se do amor da selvagem para procurar um meio de escapar d'aquelle sepulchro infecto, em que estava condemnado a viver, tratou de apresentar-lhe a melhor cara possivel, e entregou-se com toda a complacencia a seus estranhos carinhos, e os retribuiu com a amabilidade, que poude. A liberdade e a luz do céo, de que se achava privado, valiam bem aquelle penoso sacrificio.

A nympha mostrou-se contentissima, trouxe-lhe fructos, dansou em roda d'elle, dando gritinhos de prazer e retirou-se. Durante o dia appareceu ainda duas ou tres vezes. Quando veio a noite, sahio com seus companheiros, mas ficaram de vigia ao prisioneiro seis ou oito guardas.

Oito dias passou Gaspar n'aquelle estranho e tristissimo modo de vida, ganhando tempo e contando com impaciencia os dias e as horas. Durante esse tempo esmerou-se em tornar-se o mais agradavel possivel á sua amante, e procurou ganhar-lhe a confiança, mostrando-se satisfeitissimo com a sua nova sorte, e cada vez mais submisso e amoroso. No fim d'esse prazo abalanceu-se a expressar á sua amante por meio de gestos e signaes o desejo, que tinha de tambem sahir á noite com ella, sómente para vel-a sempre ao pé de si, e não ficar por tanto tempo privado de sua companhia; pintou-lhe com mimicas expressivas o seu extremoso amor, e do melhor modo que poude, deo-lhe a entender, que nunca por motivo ne-

nhum a abandonaria, e que o seu maior gosto seria viver e morrer junto d'ella. A india a principio pareceu hesitar, e ficou pensativa por alguns instantes; mas porfim deo-lhe a entender, que sua supplica seria attendida, e que na seguinte noite lhe seria permittido sahir com ella.

De feito assim aconteceu; na seguinte noite Gaspar experimentou o indizivel prazer de ver a luz limpida de um céo estrellado, e de respirar a longos tragos o ambiente puro e perfumado d'aquellas deliciosas solidões, depois de ter jazido por mais de oito dias na escuridão profunda de uma espelunca infecta e asquerosa. Aquella noite limpida e estrellada, posto que sem luar, pareceu-lhe um dia esplendido, e quasi que seus olhos estranháram aquella luz serena, tão affeitos estavam já com as trevas. Em face d'aquelle espectáculo, seus pulmões se encheram de ar vivificante, seu coração se dilatou, e alentou-se de novas esperanças.

Entretanto Gaspar era vigiado de perto por sua amante, que o não deixava um só momento, e por um grupo, que de certo por ordem d'ella os acompanhava sempre em certa distancia. Tambem Gaspar era matreiro, e não seria tão desasado, que arriscasse logo una fuga sem probabilidade alguma de successo. Elle bem sabia que aquella gente tinha á noite uma espantosa penetração de vista, e o faro e a velocidade dos melhores cães de caça. Portanto foi elle o primeiro, que pressuroso convidou sua companheira a recolher-se á caverna, logo que presentio a aproximação do dia.

Assim volveram-se mais alguns dias a Gaspar, o qual para entreter-se e encurtar o tempo, passava-o a observar os estranhos costumes d'aquella gente, que quasi se não distinguia dos brutos, e os trabalhos, em que empregavam suas noites. Apenas sahiam das furnas, derramavam-se em grupos pela campanha. Uns internavam-se pelos matos farejando a caça, que perseguiam com incrível celeridade atravez das mais emmaranhadas brenhas, dando uivos e ganidos como uma verdadeira matilha de cães. Outros com a agilidade do quati andavam trepando pelas arvores para colher fructos, ou para surprehender os passaros e roubar-lhes os ninhos.

Outros percorrendo os campos davam caça ás perdizes e codornizes, que colhiam de sorpresa em seus escondrijos, ou esfuracavam o chão com as unhas já para arrancar os tatús de seus buracos, já para roubarem o mel ás abelhas do chão. Outros esgravatando as fendas dos rochedos andavam a cata de lagartos, cobras, sapos, lagartichas e outros reptis e insectos, que tudo lhes servia de alimento. Assim passavam as noites a caçar o alimento só para aquella dia, pois toda caça, que apanhavam quasi sempre a escorchavam e devoravam no mesmo instante e no mesmo lugar a maneira dos lobos e panthéras.

Durante esse tempo Gaspar em suas sortidas nocturnas procurou portar-se por tal modo, que desvanecesse toda e qualquer desconfiança, que a india podesse nutrir ainda a seu respeito. Assim já ella ousava affastar-se a sós com elle para longe dos outros grupos, e deixava-se ir sem susto para aonde Gaspar a queria conduzir sem serem espionados por ninguém. N'essas occasiões, se Gaspar o quizesse, poderia tel-a agarrado e suffocado com as mãos, e escapar para sempre á sua triste escravidão. Mas repugnava á sua consciencia e doia ao seu coração nobre e generoso matar tão cruelmente aquella, que, fosse porque fosse, tinha sido a salvaguarda de sua existencia, e embora sem o querer e sem o saber, lhe proporcionava meios de escapar d'aquelle horrivel e abominavel captiveiro. Demais a empreza não era isenta de perigo; um grito só, que ella soltasse, podia ser ouvido dos seus, e tudo estava perdido; mesmo poderiam dar falta d'ella, a tempo que aquelles insignes galgos podessem ir-lhe no encalço e apanhal-o. Um meio sómente lhe occorria de libertar-se com segurança e sem fazer grande mal á sua libertadora; para leval-o a effeito só esperava um ensejo favoravel. Este emfim se apresentou.

A noite já ia bastantemente avançada; os tatús brancos fatigados de suas correrias por campos e brenhas, avisinhavam-se pouco e pouco para seus covis. A india e Gaspar algum tanto affastados dos outros, marchavam pela orla, de um çapão ao longo de um delicioso vargado. Subito um lindo e veloz animalsinho saltou diante d'elles, e desapareceu pelo mato. A india salta apóz elle pela brenha a dentro; Gaspar a acompanha. Veloz como o gamo ella corre atravéz das balsas emmaranhadas; Gaspar a custo a pode seguir de longe; mas ella o chama e espera. Tendo fardo de ção como todos de sua raça vae descobrir de novo o bichinho na moita, a que se acolhera. Ei-lo que salta outra vez, e a india que de novo o persegue pressurosa atravéz das brenhas. Assim se foram pouco e pouco alongando e se entranhando pelo bosque, e a pobre e descuidosa filha da noite nem se lembrava quão longe andava já dos seus. Voltáram sobre seus passos até chegarem ao campo, donde tinham partido. A india trazia nos mãos o animalejo; mas a coitada quasi não podia suster-se de fadiga; Gaspar tambem a custo podia andar. Ambos sentáram-se opprimidos de cansaço. Gaspar fez que ella reclinasse a cabeça sobre seus joelhos. Ella a principio reluctou, e apontou para o oriente dando a entender o receio, que tinha de que o dia os sorprendesse ali. Gaspar expressou-lhe, que elle não dormiria, e que ainda mesma que o dia os apanhasse, elle a carregaria nos hombros para o seio de sua caverna. Tranquillizou-se a india, e d'ahi a instantes adormeceu profundamente sobre os joelhos de Gaspar.

Mais uma hora, e o dia ia luzir. Uma hora só de somno para a pobre indiana, e o sol da vida e da liberdade ia surgir para Gaspar! Imagine-se com que sofreguidão e impaciencia elle contava os minutos e os instantes, com que anciedade voltava de continuo os olhos para o oriente, com que tremor de coração applicava o ouvido á escuta de alguma voz, de algum rumor, que indicasse a presença dos tatús brancos. Mas o que ninguem póde imaginar é a viva alegria, com que saudou os primeiros clarões d'essa aurora, que vinha arrancal-o de um tumulto e restituil-o á luz, á vida e á liberdade! O prazer indizivel, que experimentou, quando olhando em roda de si se vio a sós com a india no meio d'aquella immensa solidão. Estava salvo!

Quem os visse ali, — aquelle par solitario em meio d'aquelles risonhos e fecundos ermos, ella suavemente adormecida nos joelhos d'elle, elle embevecido no espectaculo da natureza, que emtorno se lhe despertava entre esplendidas galas e rumores harmoniosos, — quem os visse ali, julgaria ver aos fulgores da primeira aurora outro Adão e outra Eva no seio de um novo Paraiso.

Sómente em dois pontos se acharia differença; um é que a Eva do Genesis não seria por certo tão alva como esta; outro é, que o novo Adão trazia sempre uns calções esfarrapados e os restos de uma capa.

Talvez se pense, que Gaspar poderia escapar deixando a india adormecida, sem que lhe fosse mister esperar pelo alvorecer do dia. Engano; Gaspar era assaz precavido para comprehender, que ella poderia accordar bem depressa, gritar pelos seus, e tudo estaria perdido para sempre. Não assim de dia, porque a luz do sol aquelles desgraçados nada enxergavam, e mal podiam dar um passo sem tropeçar e cair.

Quando o sol dardejou seus primeiros raios, Gaspar depositou cuidadosamente sobre a relva a cabeça da india adormecida; contemplou pela primeira vez á luz do dia aquelle corpo, que não era mal feito, porém de alvura tão excessiva, que fazia repugnancia; os cabellos eram finos, corredios e de um louro quasi branco; o rosto era irregular, mas não inteiramente destituido de graça; porém as unhas curvas e compridas, e os dentes aguçados, que se viam por entre os labios entre abertos, davam-lhe um ar feroz e repulsivo. Gaspar depois de ter lançado um ultimo olhar de commiserção sobre aquella infeliz selvagem, poz-se a fugir a bom andar para longe d'aquelles sitios fataes.

Mal tinha dado uma centena de passos, Gaspar ouviu gritos atraz de si; assustado voltou o rosto. A misera talvez pelo contacto da relva fria na cabeça, tinha acordado, e em pé voltando-se para todos os lados com os

braços estendidos dava gritos lastimosos, e estorcia-se um uma indizível afflicção. Dava alguns passos vacillantes com as mãos estendidas como quem apalpa nas trevas, e logo cahia e se estrebuchava no chão arrancando os cabellos em desespero. Gaspar teve pena d'ella, e quem deixaria de tel-a! Um sentimento de dó e tambem de gratidão por aquella infeliz creatura, que fora o instrumento de sua salvação, deteve por alguns momentos as plantas do Paulista n'aquelle solo fatal; teve dó da misera e de todas de sua raça, fadada a tão abjecta e monstruosa condição.

Salvo das garras dos tatús brancos e d'aquelle ignobil e miserrimo captiveiro, que tinha Gaspar diante de si?... O deserto profundo incomensuravel, mil novos trabalhos e obstaculos a superar, mil novas fadigas e azares a affrontar! Mas antes isso, do que ser condemnado a viver nas trevas entre aquelles monstros, ultimo rebutalho da natureza humana! Antes morrer vendo o céo, a luz, a natureza, do que viver sepultado na perpetua escuridão d'aquellas horriveis espeluncas.

Não e nosso proposito, e nem poderíamos referir todos os riscos, fadigas, privações e trabalhos, por que teve de passar o nosso heroe atravessando sosinho e sem outro recurso mais que a sua audacia, astucia e robustez aquelles vastissimos e inhospitos sertões até chegar á sua patria. O certo é que o intrepido aventureiro chegou são e salvo a S. Paulo de Piratininga, onde contou a seus patricios pasmos e boqui-abertos as estranhas aventuras, que acabamos de relatar. Não podemos garantir a veracidade d'ellas, mas asseguramos, que não é invenção nossa, pois ouvimos essa tradição de pessoa mui sensata e autorisada, e que tinha boas razões para dar-lhe inteiro credito.

Fundados na relação de Gaspar, e dirigindo-se por suas indicações, muitas outras bandeiras de Paulistas partiram em diversos tempos para aquellas remotas regiões em demanda d'aquelle novo jardim das Hesperides. Exploráram muitos paizes desconhecidos, descobriram riquissimas minas de ouro e diamantes, muitos rios caudalosos e valles de riqueza e fertilidade espantosa; mas o verdadeiro valle do Pão de Ouro, esse nunca, nunca mais foi encontrado.

É que de certo a fada mãe do ouro tinha então estabelecido ali os seus palacios e jardins encantados, e lhes puzera por guardas aquelles monstros alvos de figura humana. Vendo porém, que mesmo assim eram descobertos e violados os seus thesouros, assentou de transferil-os para outros sitios em sertões mais profundos e remotos.

B. GUIMARÃES.

